

Zé Manoel! De onde saiu este cara?

Uns quatro anos atrás, uma amiga me passou um CD demo, de um músico seu conhecido, a quem cobriu de elogios, pediu que eu desse uma escutada. O disco repousou um bom tempo, acho que uns dois meses, num móvel perto do computador, fazendo companhia a outros que separei pra conferir. Um belo dia, olhei de lado e a vista caiu sobre o tal CD demo. Um “Zé Manoel” escrito em letras azuis. Coloquei o disco no drive do computador, e já comecei a gostar, mal soaram os primeiros acordes, acho que de Samba tem, que era feito se Edu Lobo cantasse um afro samba de Baden e Vinicius.

Aumentei o volume das caixas de som, e deitei no sofá pra escutar o disco. A cada canção mais eu me perguntava de onde tinha saído aquele cara. Ninguém compunha mais daquela maneira. Pelo menos ninguém da geração nascida a partir da década de 80. Canções, com começo, meio e fim, harmonias requintadas, como se fazia nos anos 60. Zé Manoel cantava acompanhando-se ao piano, em algumas faixas com uma banda. Me entusiasmei pela demo. Virou trilha dos nossos papos no Frontal, um bar na Mamede Simões (point descolado do Recife, pra quem não sabe). Devo ter convertido muita gente à música de Zé Manoel, a quem conheci, algum tempo depois, ali mesmo na dita Mamede.

Agora, eis-me cá, incumbido da tarefa de escrever sobre seu segundo álbum, Canção e silêncio, viabilizado pela aprovação num edital do Natura Musical, que lhe proporcionou gravar como acontecia numa época de vacas gordas para a indústria fonográfica. Deu-lhe condições, por exemplo, de convidar dois dos mais destacados produtores do país na atualidade: o gaúcho Carlos Eduardo Miranda (Produção musical) e o carioca Kassin (Produção adicional de bases). A princípio, pode parecer estranho a dupla num mesmo disco, são estilos diferentes, não trilham a mesma seara sonora. Não trilhavam, porque boas ideias convergiram para um mesmo ponto. Por mais elementos que tenham acrescentado, o que prevalece nas treze faixas do álbum é Zé Manoel, piano e voz.

Nesses quatro anos, Zé mudou, continua criando melodias engenhosas e belas, com ótimas letras. Porém diferentes do que fez no primeiro disco. As novas canções não arrebatam, apoderam-se de quem as escuta, lenta e inexoravelmente, como o rio São Francisco inundando terras ribeirinhas. Zé Manoel é dotado do raro dom da sutileza, e de contornar o fácil. Ao longo do disco há intervenções dos maestros Letieres Leite (BA), Mateus Alves (PE) e Fabio Negroni (RJ), que assinam arranjos de, respectivamente, cordas, madeiras e metais, mas o alicerce, a espinha dorsal é a formação instrumental clássica, de piano, baixo (Kassin), e bateria (Tutty Moreno). De participações especiais, uma deferência à Petrolina, na voz de Dona Amélia, do Samba de Véio, da Ilha do Massangano, no rio São Francisco (em Mãe d’água) e o canto privilegiado de Isadora Melo, nova cantora pernambucana (prestem atenção neste nome), afinadíssima, sem vibrato esbanja talento em Volta pra casa, mais uma canção marinha.

Nascido em Petrolina, onde são onipresentes as águas do “Velho Chico”, e morador no Recife, entrecortada de rios, e que tem o mar como ponto de confluência, Zé Manoel não tinha como não fazer das águas, doce e salgada, seu referencial. No disco anterior, a canção que norteia o repertório é o maracatu Saraivada de Felicidade, que conta a expectativa e o deslumbramento do viajante que se depara com a imensidão do oceano. Neste Canção e Silêncio, Zé Manoel varia de temas, mas o mar é quem traça o roteiro, que ele singra navegando sobre ondas, quase sempre, mansas: “E vem o mar/com seu azul e vem o mar/com sua espuma, vem o mar/com suas algas e vem o mar/com suas ondas/ vem o mar com a sua força/vem o mar com seu bramidos/ e vem o mar com seus rugidos, vem o mar... e deposita sobra a areia/cachos de estrelas marinhas (O Mar – letra de Sergio Napp e música de Ze Manoel).

Um disco que começa com chuva, um temporal, com Água Doce, um baião, em andamento lento, piano e voz, em tons graves, relâmpagos e trovões, então vem a calmaria num cantar suave, e inocente como uma parlenda: “Acorda vem ver a chuva/aguando o pé de laranja lima”. Que termina com Estrela Nova (letra de Dulce Quental): “Tempo, tempo/solta as velas contra o vento/deixa ir”, melodia com requintes chopinianos (Zé Manoel estudou piano dos dez aos 18 anos). “Há uma história central que serve de roteiro para toda a escuta do disco. É uma história real de um pescador da cidade de Olinda, que ao se deparar com a morte e desaparecimento no mar, do seu filho, também pescador, depois de tentativas frustradas de resgate pelos bombeiros, resolve armar a sua rede e com toda sua experiência e sabedoria de homem do mar, consegue pesca-lo”, comenta Zé Manoel.

A canção desta história central chama-se Sereno Mar, a letra mais longa do disco, um mini roteiro. Lembra os mares bravios de Dorival Caymmi, porém o mar de Zé Manoel não é especificamente o mar de Pernambuco, é o mar como metáfora. Sereno Mar recebe um arranjo de cordas (Letieres Leite), à Villa-Lobos, mais percussões, as variações no andamento lhe reveste de um clima cinematográfico. “É um disco de canções marítimas, em referência e reverência ao universo de Caymmi, mas também de canções ribeirinhas e urbanas”, ressalta Zé. O elemento água presente na chanson Cheio de vazio, melancólica, romântica, o personagem da letra caminha, triste, pela Rua da Aurora, margeada pelo Capíbaribe e onde, garantem, nasce o sol mais bonito no Recife. Na mesma Aurora, há uma escultura do poeta Manuel Bandeira a contemplar o Capibaribe.

Este disco também confirma Zé Manoel como um grande autor de canções, ou seja, de músicas que não se comprometem com tempo e lugar. Nasceram para ser eternas, sem vínculos com modas, ou tendências. Uma destas é a que dá título ao álbum, Canção em Silêncio, dos versos “Vejo a cada instante você indo embora/Eu não sei pra onde/Deve ser onde a alegria/ e o seu amor se escondem”. Aqui, ali, há regionalismos, como acontece em O Mar, Nas Asas do Mangangá, ou na carioquice de Cada Vez que Digo Adeus, um samba cadenciado, meio bossa nova (como ficaria esta na voz de Elis? Me pergunto, enquanto o ouço). Mas a maioria, feito, A Maio Ambição, Habanera Hobie Cat Acalanto (**com Kassin e Mavi Pugliesi**) e a citada Volta pra Casa se prestariam a ter letras em qualquer idioma, há universalidade em suas melodias.

O disco chega ao fim, com a harmonicamente rebuscada Estrela Nova. Finda as canções, o silêncio. Recomeço a ouvi-lo, me perguntando: de onde saiu este Zé Manoel? O cara, desde a supracitada demo, e agora este novo disco, me leva a lembrar de Nelson Rodrigues sugerindo que todo mundo deveria nascer de sapatos e guarda-chuva. Zé deve ter nascido assim, pela maturidade de sua ainda curta, mas já importante obra.

José Teles *jornalista, cronista, pesquisador de música popular, e escritor